



ENTREVISTA

SONORIDADES DO INTERIOR PAULISTA: RELATO SOBRE AS RÁDIOS LIVRES VOTORANTINENSES SUPERSTAR FM E EXPRESS FM PELA ÓTICA DE CHARLES RAFAEL

Felipe Parra¹

RESUMO: As rádios livres são emissoras radiofônicas que operam sem concessão governamental. Essa característica faz com que tais mídias possam ser administradas por pessoas que nunca antes tiveram contato com a linguagem e a tecnologia do rádio. Tal tendência se tornou popular na cidade de Sorocaba/SP. Durante a década de 1980, periódicos regionais e nacionais relatavam as atividades das rádios livres do interior paulista. Tal ação ficou conhecida como o movimento das rádios livres sorocabanas. Contudo, rádios de outras cidades da região também integraram esse movimento. Nesta entrevista, Charles Rafael revela como era participar das rádios livres Express FM e Superstar FM na cidade de Votorantim/SP durante a década de 1990.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunicação radiofônica. Rádios livres. Rádios livres sorocabanas. Express FM. Superstar FM.*

ABSTRACT: Free radios are radio stations that operate without government concession. This characteristic means that such media can be managed by people who have never had contact with the language and technology of radio before. This trend became popular in the city of Sorocaba/SP. During the 1980s, regional and national journals reported on the activities of free radio stations in the interior of São Paulo. This action became known as the movement of free radio stations in Sorocaba. However, radio stations from other cities in the region also joined this movement. In this interview, Charles Rafael reveals what it was like to participate in the free radios Express FM and Superstar FM in the city of Votorantim/SP during the 1990s.

KEYWORDS: *Radio communication. Free radios. Sorocaba free radios. Express FM. Superstar FM.*

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM ECA-USP). Bolsista do CNPq – Brasil. São Paulo - SP. ORCID: 0000-0002-4160-3065. E-mail: felipe.parra@usp.br.

As rádios livres são emissoras radiofônicas sem a concessão operacional que “favorecem o acesso aos meios de comunicação de minorias étnicas ou setores da população econômica e socialmente marginalizadas” (NHARA, 1988, p. 110). Assim, essas mídias aceitam que sujeitos sem experiência em operar e falar no rádio participem ativamente do cotidiano dessas radiodifusoras. Ao dar voz a sociedade, os veículos de comunicação citados reverberam pelo espaço eletromagnético inovadoras formas de se fazer rádio.

Em Sorocaba, o interesse nessas atividades teve seu início no final dos anos 70 e era composto por entusiastas do rádio que montaram suas próprias emissoras. A iniciativa conhecida como movimento das rádios livres sorocabanas adquiriu notoriedade nacional e internacional na década de 1980. Nesse processo, as mídias do interior paulista influenciaram outras pessoas de diferentes locais do Brasil a se enveredarem pelas potencialidades comunicacionais do rádio. Devido a isso, nota-se que as rádios livres sorocabanas contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da comunicação radiofônica brasileira (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986).

Contudo, o movimento das rádios livres sorocabanas também era composto por emissoras que operavam em outras cidades da região. Votorantim (cidade vizinha a Sorocaba) presenciou o surgimento de várias rádios livres em seu território nas décadas de 1980 e 1990. Entre as pessoas envolvidas, estava Charles Rafael (fig. 01). Ao relatar suas experiências, o fundador da rádio livre votorantinense *Express FM* fala sobre as radiodifusoras caseiras de Votorantim e como era a relação delas com as rádios livres de Sorocaba.

Figura 01 – Charles Rafael



Fonte: arquivo pessoal de Charles Rafael

Felipe Parra – Como foi seu início no movimento das rádios livres sorocabanas?

Charles Rafael – Eu fiquei nessa caminhada aí por mais ou menos uns dez anos. Eu fazia os bailinhos da escola. Um dia me falaram que um cara queria fazer aniversário e ele estava contratando uma pessoa que tivesse equipamento de som. Eu tinha um *receiver* grande, dois toca-discos para fazer essas festinhas e ter acesso ao clube, para paquerar as meninas, e assim eu ia em uma festa na casa de um, na chácara do outro. E quando me chamaram para fazer esse aniversário eu acabei conhecendo um convidado que estava lá. Ele gostava de som também. Esse aí era o dono da rádio livre *Superstar FM*. Na época ele era mais velho e já tinha uns projetos em mente, se não me engano ele trabalhava em uma empresa de cartão de crédito. Nessa festa, fizemos amizade. Só que as rádios piratas eram bem caseiras. Não sei se você viu os transmissores antigos, era rudimentar o negócio.

F.P. – Uma lenda no meio acadêmico supõe que um professor ensinou os jovens a montarem os transmissores (COSTA, 2010). É verdade essa história? Como você conseguiu montar o seu transmissor?

C.R. – Foi a partir de um equipamento que esse meu amigo comprou de uma pessoa, que comprou de outra pessoa, que pegou um esquema desenhado no papel. Aí a gente fazia a plaquinha e furava, depois comprava os componentes na loja *Torres*, em Sorocaba, e montava naquela tentativa de acerto e erro. E, por incrível que pareça, era barato. Hoje com cinco reais você monta um transmissor FM para atender um bairro, por exemplo. Para a época era até caro, mas hoje tem grupo no *Facebook* de rádio transmissor que o pessoal troca esquema de boa. Antigamente o negócio era restrito, quem tinha os melhores não deixava você nem olhar, o nosso transmissor era o italiano. Na rádio a gente precisava desligar o que estava tocando para poder falar no microfone. Depois que conseguimos um *mixer* ficou mais profissional. Eu trabalhava na *Eletrônica Franco* como aprendiz na época. Inclusive foi o irmão de um amigo que trabalhava lá e me conseguiu o emprego como aprendiz. Com essa experiência de eletrônica, comecei a aplicar essas ideias na rádio *Superstar FM*. Depois a gente começou a fazer amizade com o pessoal de outras rádios livres, o pessoal de Votorantim. Tinha uma galera, era muita gente mesmo. Então começou esse lance de fazer programação, uma pessoa ia à minha casa para a gente melhorar a abrangência, conseguir ser quase uma unanimidade. Fazia um programa para uma rádio ir transmitindo a outra e assim formava uma rede. Um dia combinávamos de ir à casa de um, tomar uma cerveja, fazer um churrasco e aí os caras tocavam músicas. Isso é o que eu acho o mais legal. E desse movimento saiu o pessoal que hoje trabalha na comunicação, a galera acabou se tornando profissional da área de rádio mesmo. Muitas vezes você ligava o transmissor e pifava tudo. Você ficava zangado porque tinha que comprar de novo as peças. O transmissor era um negócio muito louco. Eu até lembro os números, eram BC547, 2N918, 2N3866 e 2D3553. Esses eram os quatro transistores que eu usava, e depois vinham os capacitores e o resto das peças.

F.P. – A outras pessoas envolvidas com rádio livre na década de 1980 me falaram que usavam bastante o 2N2222.

C.R. – Esse esquentava bastante, o pessoal botava o ventilador perto. Aí ele dava interferência na rádio. Quando isso acontecia a gente começava a zoação de um com outro. Depois você colocava aquela pasta branca térmica e ia grudando os dissipadores,

um em cima do outro. Ficavam uns canudos grandes de dissipadores empilhados. Eu vou falar para você, não era bonito. Colocávamos em uma caixinha e às vezes fechava, mas a rádio ficava ruim, então tinha que deixar a tampa aberta.

F.P. - Você participou da montagem da rádio livre *Superstar FM* e, posteriormente, teve também a sua própria rádio. Onde que era a *Superstar FM*?

C.R. – Isso, tive minha rádio também. A *Superstar FM* era no bairro Rio Acima. Tinha uma rádio no Jardim Archila, outra perto do posto Mundial. Essas são rádios que eu conheci mais de perto. Tinha os caras que eram mais fortes, tinha a gente que era intermediário e tinha os locais, os pequeninhos feitos com transmissor BD135 que pegavam em três ou quatro quarteirões. Por aí dá para você ver como o negócio chegou contaminando a galera. Um dia eu estava na minha casa e minha irmã falou que tinha um cara me chamando. Ele chegou lá em casa e eu não o conhecia, só de vista, mas não tinha amizade. Me perguntou se eu era da rádio e eu confirmei. Um amigo dele queria montar uma rádio e eu estava com uma placa quase montada. No final, eu vendi para ele. De certa forma virou algo comercial para mim porque eu vendi várias placas e transmissores.

162

F.P. – Você montou muitos transmissores?

C.R. – Sim, montei alguns e comercializei.

F.P. – A sua rádio livre era a *Express FM*, qual era a frequência?

C.R. – Sim, rádio *Express FM* 97,1. Ela funcionava no bairro Dominginhos, em Votorantim. Meu problema era que estava em um vale, 200 metros acima do rio. Então eu não conseguia transmitir para muito longe. Na época, quanto mais alto você estivesse para transmitir era melhor. Como eu estava no meio e conhecia muita gente, eu fazia minha programação pela rádio dos meus amigos.

F.P. – Você sempre morou em Votorantim?

C.R. – Sempre morei. Eu até morei um tempo em Sorocaba, mas era longe, era perto do hospital psiquiátrico. Morei uma época no bairro Barcelona também, mas foi pouco tempo, coisa de um ano. A maior parte da minha vida foi aqui em Votorantim.

F.P. – Você fazia a programação na casa de outros donos de rádios livres?

C.R. – Sim, porque tinha um pessoal divertido também, chamado *Comando Geral*, da Vila Helena. Esses caras eram muito legais, eles gostavam de *rap*. Na época era forte esse movimento. Eles faziam um evento chamado *Tarde dos Djs*. Um tocava *rock*, outro *rap* e assim cada um tinha seu momento e fazia essa conexão, essa ponte entre as rádios. E nisso a coisa fervia, onde você fosse você ouvia, pois mesmo se a frequência original não chegasse longe, você ia conseguir ouvir pela frequência do outro e assim por diante, era um negócio fantástico. Um amigo meu tem o registro disso em VHS. Na época ele conseguiu filmar. Ele me mandou esses dias o vídeo curtinho da gente fazendo a zoeira, na casa do dono da *Superstar*, tem o registro desses eventos.

F.P. – E a *Express* tocava que tipo de música?

C.R. – Então, como eu estudava e trabalhava, só entrava na hora do *A Voz do Brasil*, porque tinha essa coisa chata de ser um programa imposto para o rádio, as rádios comerciais saíam do ar e a gente ficava ouvindo só aquilo. Eu tocava um pouco de *rock*, *disco music*, anos 70, não tocava *metal* porque eu não escutava na época, não acompanhava a cena ainda, mas era isso, tocava o que gostava.

F.P. – E isso foi quando?

C.R. – Você viu aquela reportagem do jornal *O Cruzeiro do Sul*? Ela foi em 1992², eu comecei um pouco antes disso, mas depois dos pioneiros. Porque foi quando conheci esse parceiro que tinha mais recursos e eu comecei. Eu tinha catorze para os quinze anos na época que a gente fez a *Superstar*. Depois que eu fui montar minha rádio.

² Reportagem veiculada no periódico *O Cruzeiro do Sul* dia 16 de agosto de 1992 (PINTO, 1992).

F.P – A *Superstar FM* é de que ano?

C.R – De 1990.

F.P – E um pouco mais tarde você fundou a *Express FM*.

C.R – Isso, quando a minha apareceu foi em 1992 e daí foi aquela reportagem que eu participei (PINTO, 1992), eu acho que eu tinha aquele jornal, mas não consegui achar. Tinha uma lanchonete ali da Praça do Canhão, que uma vez por mês o pessoal se reunia e trocava uma ideia, mas também tinha umas pessoas difíceis de lidar, um queria uma frequência, o outro queria boicotar determinada rádio. Para isso, ele ocupava a frequência da outra rádio e deixava lá. Ao fazer isso, a rádio mais forte abafava o sinal da mais fraca.

F.P – Ganhava essa batalha quem tivesse o transmissor mais forte.

C.R – Isso, tinham umas coisas que chegavam a ser o extremo do ridículo, umas brigas por estilo musical e tal. Mas também tinha uns caras que usavam o rádio como se fosse um PX, falando besteira tipo “Minha mulher está fazendo um bolo aqui, vai ovo, vai farinha”. E também tinha uns papos bem malucos, tinham umas bizarrices no meio, mas faz parte da história. Nessa época, eu tinha um *Phillips* que era muito bom e eu coloquei uma antena de rádio PX, então eu desconectava a antena e ligava no *receiver*. Pegava a *Jovem Pan FM* e a *89 FM*. Quando dava eu gravava o programa do Djalma Jorge, o cara era o maior barato, aí durante a semana eu retransmitia o programa dele para o pessoal daqui de Votorantim que não tinha acesso. Porque hoje tem internet e você tem tudo na mão, mas naquele tempo não tinha.

164

F.P – Então você compartilhava programas que não pegam na cidade.

C.R – Sim, nunca entrei para esse lado comercial de fazer propaganda ou alguma coisa assim. Nunca ganhei dinheiro com isso, pelo contrário, foi mais gastando, mas tinha esse tipo de compartilhamento sim.

F.P – Então, se for para falar porque você tinha essa rádio, pode-se dizer que era para você se divertir e disponibilizar informações para as pessoas que não tinham acesso?

C.R – Sim, era diversão. Um hobby. E nesses encontros a gente trocava ideias sobre equipamentos, como melhorar a rádio. Depois íamos ao *Torres* gastar dinheiro.

F.P – Sobre a matéria do periódico *O Cruzeiro do Sul*, como o jornalista chegou até você?

C.R – Então, os detalhes eu não lembro. Teve o surgimento de muitas rádios e marcávamos em lanchonetes para fazer os encontros de rádios piratas. Um dia alguém perguntou se eu não me importava de o jornal fazer a cobertura do encontro. O repórter fez exatamente como você está fazendo aqui. Foi com o gravador e ficou conversando com todo mundo, fez algumas fotos e pediu para tirar foto de todo mundo, aí fez aquela arte lá que achei ótima. Eles tiraram a foto e fizeram uma caricatura desenhada por cima da imagem. Isso foi feito para que ninguém conseguisse nos identificar (fig. 02).

Figura 02 – Ilustração veiculada no jornal *O Cruzeiro do Sul* em 16 de agosto de 1992.



Fonte: PINTO, 1992.

F.P – E em relação a posicionamento político? Tinha algum na rádio *Superstar* ou na *Express FM*?

C.R – Não diretamente, porque na minha concepção não tinha muito o que fazer, entende? Não tinha um debate, não tinha quem puxasse uma corrente ou alguma ideia. Era você sozinho. Então, o que a gente falava? Era de uma banda, um fato que saiu na semana. às vezes eu soltava alguma coisa de política. Na época eu era partidário do PT e soltava um

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 13 – Volume 02 – Edição 26 – Julho-Dezembro de 2022

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

“Vamos votar no Lula”, criticava o governo, mas tinha esse lado do medo da repressão também. A gente já estava na ilegalidade, aí vai cutucar a onça com vara curta?

F.P – Você teve problemas com Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL)?

C.R – Não. Eu sofri ameaça de um vizinho pois, às vezes, dava interferência na televisão dele e era uma situação desagradável. Então, a pessoa vinha reclamar e eu tinha que me virar, fazer alguma coisa para resolver. Tinha gente que entendia numa boa, mas outros falavam que ia me denunciar. Na época eu morava com meus pais, não tinha o que fazer né, tinha que baixar a cabeça.

F.P – A sua rádio fez algum serviço social para a comunidade do Bairro Dominginhos?

C.R – Sim, tinha muito esse lance de ajudar a galera. Era como um facebook da época, tinha gente que fazia ação social, mas lembrar uma história específica agora de cabeça eu não consigo recordar.

166

F.P – Vocês nunca ganharam dinheiro fazendo comercial?

C.R – Eu particularmente não, mas teve gente que ganhou fazendo divulgação até do próprio trabalho. Pessoal que trabalhava com eletrônico, eventos e sonoplastia faziam a suas próprias propagandas simulando que era de terceiros, mas era deles mesmos. Teve uma época que eu parei porque não tinha tempo e tinha que ter certa dedicação. Caso contrário você não consegue seguir. Você vai ouvir a rádio do cara e não tá no ar. Passa um dia ou dois fora do ar. Quem não é visto não é lembrado. Então, como eu fiquei sem ligar a rádio por um tempo, fui desanimando e parei. Esse negócio tomava certo tempo e precisa de dedicação. Aí vendi o equipamento para dois amigos meus. Eles ficaram um tempão com meus equipamentos. Mudaram a rádio de nome e seguiram em frente. Não me lembro o nome da rádio deles.

F.P. – As pessoas conhecem o movimento das rádios livres sorocabanas. Como esse movimento ocorreu em Votorantim?

C.R – Assim, Sorocaba teve um número maior de rádios, mas como Votorantim e Sorocaba são praticamente a mesma coisa, fortaleceu o movimento. Teve rádio de expressão em Votorantim. Rádio boa! É o que eu falo, na época eu andava com pessoal que gostava de fazer rádio, meus camaradas da *Superstar FM* e da *Doub FM*, que era ótima. Tinha hora que a gente ficava ouvindo e conversando, transmitindo a minha rádio e ouvindo a “concorrente”. Tem que reconhecer que a gente conseguiu acesso a esse tipo de coisa com o pessoal de Sorocaba. Tinha um senhor que tocava sertanejo, ele fazia gravação de Cururu, da cultura da cidade de Votorantim, e transmitia para um público mais restrito ainda. Tinha rádios bem do *underground* e outras que pareciam com as comerciais.

F.P – Os relatos acadêmicos argumentam que, após 1986, o movimento das rádios livres sorocabanas acabou (COSTA, 2010). Qual a sua opinião sobre isso?

C.R – Na minha opinião, o movimento ficou mais forte na década de 1990, pois tiveram mais rádios nessa época. Na década de 1980, os caras foram pioneiros. Teve gente que teve sete ou oito rádios. No total teve umas duzentas rádios no ar. A partir disso, começou a surgir uma subdivisão do negócio. Dividia-se a mesma frequência. Várias rádios usavam a mesma frequência, porque você não chegava a certas regiões de Sorocaba. Se você começasse a aumentar a potência da sua rádio, ia chamar muita atenção. Isso aconteceu com muita gente. Os caras começaram a montar transmissores de 50, 100 watts. Essas rádios não duravam muito tempo, pois começavam a incomodar os veículos de comunicação de massa. Eu não sei se isso é verídico, mas comentavam que em alguns lugares chegava a atrapalhar a torre de comando de tráfego aéreo, de viaturas e ambulâncias. Eu estudei eletrônica e trabalho na área industrial nisso, mas nisso eu nunca me aprofundei.

F.P – Em relação à pirataria e a ilegalidade, não existia nenhuma comprovação que as rádios piratas poderiam influenciar no rádio de aviões ou em qualquer outro tipo de rádio, pois são sistemas diferentes (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986).

C.R – Eu acho que deveria ser livre até determinada potência. Com a qualidade dos equipamentos que tem hoje dá para expandir, quando eu fui conhecer os primeiros transmissores com tecnologia digital para colocar em estéreo, era outra coisa. A gente transmitia mono, não tinha a qualidade estéreo. Depois conseguimos conceber esse negocio de estéreo. Você corta um canal e fala para a sua voz sair em uma caixa. Isso era o ápice e já existia há mais de trinta anos. E quando a gente conseguiu reproduzir isso foi um avanço, dei um pulo de alegria quando liguei e funcionou. Mas é isso, rolava esses boatos e eu tinha medo de multa também. Depois teve uma época que eu fui militante do PT, não tenho vergonha nenhuma de falar, mas eu também não levava isso para a rádio por medo de represália. Era um problema que eu não precisava. A rádio era uma forma de se divertir, era uma válvula de escape, um *hobby* que eu tinha. Eu levava para esse lado de pura diversão e de poder expressar uma ideia minha.

F.P – Era o que estava passando na sua cabeça.

C.R – Sim, era bem juvenil, aquela fase jovem da vida. Fazia o que dava na telha. Gostava de zoeira, de piada, não era nada muito sério não.

168

F.P – E você tem algum registro gravado da *Express FM* ou da *Superstar FM*?

C.R – Só em fitas VHS. Deve ter duas ou três horas de gravação. Eu perdi muita coisa, tinha muito vinil na época, troquei tudo por CD e me arrependi depois. Era fácil para você programar, só colocava as tracks no próprio aparelho e ele ia mudando. Hoje com computador esse trabalho é mínimo.

F.P – E hoje? Você se interessa por rádio?

C.R – Eu fiquei afastado muitos anos e vou falar um negocio para você, nem FM eu ouço mais atualmente. Hoje tudo é *streaming* né, eu escuto as músicas que eu gosto. Mas quando você surgiu para conversar sobre isso vieram todos os *flashbacks* na minha cabeça e eu fico até agradecido. Eu não considero que minha rádio foi de muita expressão, foi simples. Eu tinha um equipamento de som na época porque eu trabalhava com isso, não era algo grande. Tocava como *Dj* em festa de família, aniversário, casamento, o que

gostavam sabe? Sertanejo, fazia bailinho para arrumar namorada. Depois a rádio apareceu no caminho, e logo após eu consegui um trabalho profissional mesmo. Comecei a trabalhar na loja *Riachuelo* de dia e estudava de noite. Isso foi dificultando o tempo de transmissão, mas teve uma época que a gente fez a rádio com muita intensidade. Inclusive foi o dono da *Superstar FM* que me colocou na loja *Riachuelo*. Eu trabalhava de aprendiz na eletrônica e, quando fiz dezoito anos tirei a carteira de reservista. Na outra semana ele me arrumou esse emprego e fiquei cinco anos lá. E depois montei meu comércio e a vida foi rolando. Ele teve os relacionamentos dele, eu tive os meus e a vida vai guinando, mas ele é um cara muito bacana, solícito, tranquilo. Acho que trabalha em banco hoje. Ele era mais fanático com a rádio que eu. Ele já era uns dez anos mais velho, trabalhava, tinha uma grana. Então para ele era mais fácil comprar um equipamento e montar algo. A minha parte era mais a fabricação. E eu não tenho problema nenhum para falar sobre isso. Pode por meu nome na pesquisa. Eu não tenho mais vínculo nenhum com esse meio. Sobre o passado não creio que tenha problema, não ofendi ninguém. Eu não me mascarava na rádio, tinha gente que usava pseudônimo, mas eu não tinha isso, eu falava meu nome mesmo, só não falava telefone porque na época eu não tinha como comprar, era muito caro.

F.P – Na época você conhecia as rádios bolivianas, italianas e francesas que faziam esse tipo de coisa ou não?

C.R – Fora do país não. O que eu sabia de rádio estrangeira era pelo PX. Eu conseguia conversar com alguém do Paraguai, do Chile e saía às vezes esse assunto que na América Latina tinha essas rádios. No Brasil inteiro tinha, mas eu não sabia informações da Europa.

F.P – Foi um movimento forte na Europa e na América Latina. Aparentemente, o movimento de Sorocaba não sabia disso e estava fazendo algo parecido.

C.R – Sim, porque falam do modelo de rádio transmissor italiano, o italianinho que a gente chamava. Eu imaginava que chamava assim porque tinha sido feito por um

engenheiro ou técnico da Itália, mas você está falando que o negócio era expressivo na Europa. Então deve ser por isso, alguém trouxe esse material da Itália.

F.P – E essas rádios estrangeiras deixavam qualquer um se expressar no ar.

C.R – Deu voz para quem não tinha.

F.P – Exatamente! E isso começou a incomodar o monopólio das telecomunicações.

C.R – É uma coisa que a gente sentia também pela questão da música. Até hoje o sistema de rádio oficial é manipulado pelo o que o mercado consome. E a gente tocava o que gostava de ouvir. Para mim isso também serviu como uma forma de aguçar o interesse pela parte de eletrônica, de áudio. Na época foi uma forma bem natural de querer aprender, de estudar eletrônica. Isso que me deu uma profissão. Eu não conserto mais rádio e televisão, mas na época eu trabalhava com isso em Sorocaba. Isso me gerou um sustento, foi o meu primeiro emprego, depois que fui para o comércio. Às vezes aparece alguma coisa para eu consertar. Um som, um rádio, um amplificador de guitarra, coisas assim. E eu estou achando esse seu resgate brilhante porque até então ninguém procurou fazer. Eu lembro que participei desses eventos, mas eu acabei esquecendo das pessoas que eu convivia na época. Eu lembro de alguns que eram mais próximos em Sorocaba, mas tinham aqueles que a gente só via naqueles momentos dos encontros. O legal é que você me fez relembrar esses momentos.

170

F.P – Esse trabalho de resgate está sendo feito graças a você e outras pessoas que participaram ativamente do movimento. Agradeço muito sua colaboração.

C.R – E até para mim isso é interessante, pois eu também não conheço a origem. Eu peguei o bonde andando. Tinha uma turma que era como o Santo Graal sabe, não dava acesso para você olhar os esquemas eletrônicos. Mas aí um cara vendeu para um amigo e falou “Faz aí, copia”. Mas tinha gente que não gostava disso. Não aceitava e até hoje deve ter essa opinião. Nunca entendi isso, porque ter essa atitude se a ideia era ser o contrário do comercial? Contrário às concessões? Eu acho que deveria ser mais livre, ter um canal mais acessível, uma rádio comunitária, sei lá, menos burocracia. Pode até ter uma

fiscalização, mas que seja para todos. E esse regaste das origens, tem coisas que eu não lembro, mas acho que vai refrescar minha memória. Vai ser legal saber da onde veio, quem começou o movimento.

F.P – Tem mais alguma coisa que você gostaria de compartilhar?

C.R – As histórias eram essas, quando eu conheci esses caras eu estudava no ensino médio ainda. A gente tinha que correr atrás da informação para montar os transmissores. O acesso à informação hoje é fácil, tem um pessoal que constrói e vende esses transmissores a partir de cinquenta reais. Aí tem os kits de mil, dois mil e por aí vai. Mas jamais imaginei um dia conceder uma entrevista sobre as rádios da época. Nunca pensei que um dia alguém iria se interessar por aquilo. Eu sempre levei esse assunto com tanta tranquilidade. Para mim era um hobby, algo simplório mesmo.

Referências

- MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres: reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- NHARA, Cintia Maria Leite. **Rádio institucional e rádio livre: rupturas no modelo comunicacional dominante**. 1988. 355 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988.
- COSTA, Mauro Sá Rego. Rádios Livres e rádios comunitárias no Brasil. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.1-13, 2010.
- PINTO, Valdecir Rocha. Piratas. **O Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 16 ago. 1992. Mais Cruzeiro, p. 1.